

O TREM ITALIANO PARA A FELICIDADE

O filme “O trem Italiano para a felicidade”, cujo título original é “Il Treno dei Bambinini”, é uma adaptação do best-seller de Viola Ardone de mesmo nome que se baseou em um programa real da Itália em que, nos pós-guerra, cerca de 70.000 crianças foram deslocadas de lugares carentes do Sul para o Norte, onde eram acolhidas temporariamente por famílias daquela região para terem melhores condições.

A história começa com o protagonista Amerigo Speranza, um famoso violinista que se prepara para uma importante apresentação musical quando recebe uma ligação informando que sua mãe faleceu. Mesmo assim, apesar de tocado com a notícia, resolve se apresentar; nesse momento, as imagens de sua infância e o canto de sua mãe lhe vêm à mente.

Era ele um menino de oito anos que vivia em Napoli, em 1944, morava com sua mãe, cujo sobrenome sugestivo era “Speranza”. Viviam em um vilarejo muito pobre, assolado pela guerra; vê-se que ela, sozinha, tendo já perdido um filho, conferia a ele os cuidados da forma que podia, com muita dificuldade, tanto pelas questões materiais como por seu estado emocional visivelmente abalado, o que fazia com que o tratasse muitas vezes de forma rude, mas, ainda assim, suas demonstrações de afeto, nem sempre perceptíveis, mostravam-se em pequenos gestos.

Nesse contexto, procurou um programa governamental (citado no início) que procurava enviar crianças do Sul para o Norte da Itália, onde algumas famílias as acolhiam temporariamente para lhes fornecer melhores condições de alimentação, saúde e educação. Ela foi convencida pela funcionária desse programa de que seria uma melhor opção para seu filho e aceitou a proposta.

No dia da partida, colocou-o no trem que o enviaria, com um misto de medo e esperança de poder vê-lo melhor e, assim, com o coração partido, viu-o ir embora.

A atitude dessa mãe no filme me faz pensar em tantas mães que muitas vezes se veem obrigadas a colocarem seus filhos para adoção, ou que os deixam com algum familiar enquanto procuram condições melhores de subsistência, muitas vezes mães solo, sem a presença do pai ou de outro cuidador; com certeza são decisões difíceis, mas muitas vezes também necessárias, apesar de tantos impactos emocionais que podem ser desencadeados nessas crianças a partir dessas escolhas.

Quem o acolheu do outro lado, na chegada, foi a jovem militante comunista Derna que, sem nenhuma experiência com crianças, levou-o para sua casa e procurou cuidar dele, evitando a princípio se apegar a ele e ter maior contato.

Ele sentia saudade de sua mãe, e ela mostrou a ele os campos de trigo recém semeados. Disse de forma poética: “quando a plantação estiver crescida e for a hora da colheita, você poderá retornar ao lar de sua mãe”, e isso o confortou. De tempos em tempos, ele olhava os campos para ver como estavam.

Aos poucos, a ternura e o carinho começaram a fazer parte dos cuidados que Derna dispensava a ele, parece que pela primeira vez Amerigo recebia um afeto que não vinha acompanhado de falas agressivas e se sentia escutado, um vínculo forte começava se estabelecer entre eles.

PAULO FERRAZ¹

¹ Instituto Noos, São Paulo, SP, Brasil

Amerigo teve contato com a família dela e conheceu outros familiares, de quem também recebeu afeto. O irmão de Derna começou a lhe dar aulas de violino e o presenteou com um instrumento em seu aniversário.

Finalmente passado algum tempo, a plantação de trigo cresceu e chegava a hora da colheita; como combinado, era momento de ele retornar à sua casa, no sul da Itália.

Americo e Derna tentaram dissimular os sentimentos para que a partida fosse menos dolorosa, mas mais uma vez ele teve que experimentar a dor de uma despedida.

Ao chegar em sua cidade, esperava poder compartilhar com sua mãe novos aprendizados e histórias, mostrou o instrumento que ganhou e sua nova habilidade de iniciante no aprendizado de violino, mas ela agora parecia ainda mais rude e reservada e não o acolheu como esperava.

Depois de um tempo, descobriu que sua mãe havia penhorado seu violino para ajudar nas despesas da casa sem que ele soubesse, mandou-o trabalhar para ajudar no sustento da casa e, certo dia, acabou batendo em seu rosto.

Penso que o violino, simbolicamente, representou a tentativa de Americo de integrar os dois mundos, como se pudesse trazer para seu lar um pouco da sensibilidade, a música e os cuidados que teve na convivência com Derna e sua família, e o fato de sua mãe talvez não ter recursos para entender o que o instrumento significava para ele lhe trouxe muito sofrimento.

Decepcionado, resolveu fugir, entrou no trem que ia para o Norte de forma clandestina e retornou para perto de Derna. Surge aí uma das cenas que considero mais comoventes do filme: um profundo abraço entre eles marca o reencontro. A partir daí, ele volta a conviver com ela.

O filme agora corta novamente para ele já adulto, depois da cena do início do filme, em que ele iria se apresentar e tem a notícia da morte de sua mãe. Posteriormente viaja para a sua cidade e ao chegar, vai até sua antiga casa e, ao adentrar novamente naquele lar humilde em que morava, revisita objetos, paredes, quadros, memórias e recordações. Para sua surpresa, encontra o seu antigo violino embaixo da cama e descobre que sua mãe o resgatou da penhora. Dentro do estojo havia uma carta dela para ele; muito emocionado, lê seus escritos, que diziam, entre outras palavras, “recebi o contato da moça que o acolheu, pensei em te buscar, mas, como era o que queria, respeitei... Às vezes, quem te deixa ir te ama mais”. Encontrar seu instrumento resgatado pela mãe foi um sinal disso.

Novamente o violino tem uma importância simbólica e representa agora um sinal de reconciliação e reparação de sua história, pois, de alguma forma, sua mãe havia ido em busca de algo que era importante para ele.

A cena final do filme, aparece novamente ele menino, como em um sonho, sendo abraçado por sua mãe enquanto ela canta docemente.

Sensível e tocante, esse filme é um convite a refletirmos sobre questões tão profundas, tanto de nossas histórias como de muitas pessoas e famílias que chegam aos nossos atendimentos.

Creio que, em geral, nos filmes hollywoodianos há uma certa tendência a reduzir os personagens, separando-os muitas vezes entre vilões e heróis, criando assim caricaturas estereotipadas; já nos filmes europeus, como esse, sinto que há uma tentativa maior de mostrar de forma um pouco mais abrangente a complexidade humana, onde uma mesma pessoa pode ter atitudes, sentimentos e emoções diversas e, muitas vezes, antagônicas.

Esse olhar multifacetado, que foge de uma única narrativa, ajuda-nos a olhar e cuidar de pessoas que nos chegam nos atendimentos; alguém como a mãe de Amerigo, para qual talvez o senso comum olhasse apenas como uma pessoa “fria” ou “indiferente”, seria possível ver além disso. Talvez alguém carregue marcas emocionais e

poucos recursos afetivos que, em um contexto terapêutico, poderia eventualmente desenvolver novas possibilidades relacionais.

O personagem Amerigo pode representar muito bem pessoas reais que, como ele, passaram por traumas, perdas, falta de cuidados e cisões familiares, e que de alguma forma buscam por espaços complementares de cuidado e de afeto, assim como ele encontrou na convivência com Derna.

A última cena nos sugere pensar que, se ele estivesse integrando e entendendo um pouco melhor sua história e acolhendo em si a figura de sua mãe dentro do que foi possível a ela ou em uma linguagem construcionista, poderia construir novas narrativas dela e de sua história.

Como diz Harlene Anderson: “as histórias fictícias sempre estão situadas em uma história, pois sem uma história que mude com o passar do tempo, nossas vidas seriam ininteligíveis. Compartilhamos nossas vidas e nós mesmos com outros ao juntar os pedacinhos de nossas narrativas em versões viáveis de histórias influenciadas pela memória”.

Para assistir ao filme, acesse a plataforma Netflix.

REFERÊNCIAS:

Anderson H. (2011) *Conversação, linguagem e possibilidades: Um enfoque pós-moderno da terapia*. São Paulo: Editora Roca

PAULO FERRAZ

psicólogo formado em psicologia pela Universidade de Guarulhos e em terapia familiar e de Casais pelo Instituto Famíliae, atende atualmente no Núcleo de Terapia familiar do Instituto Noos e em seu consultório há cerca de 30 anos. Membro da Associação Paulista de terapia Familiar.

Email: pferrazfilho@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-4565-162X>